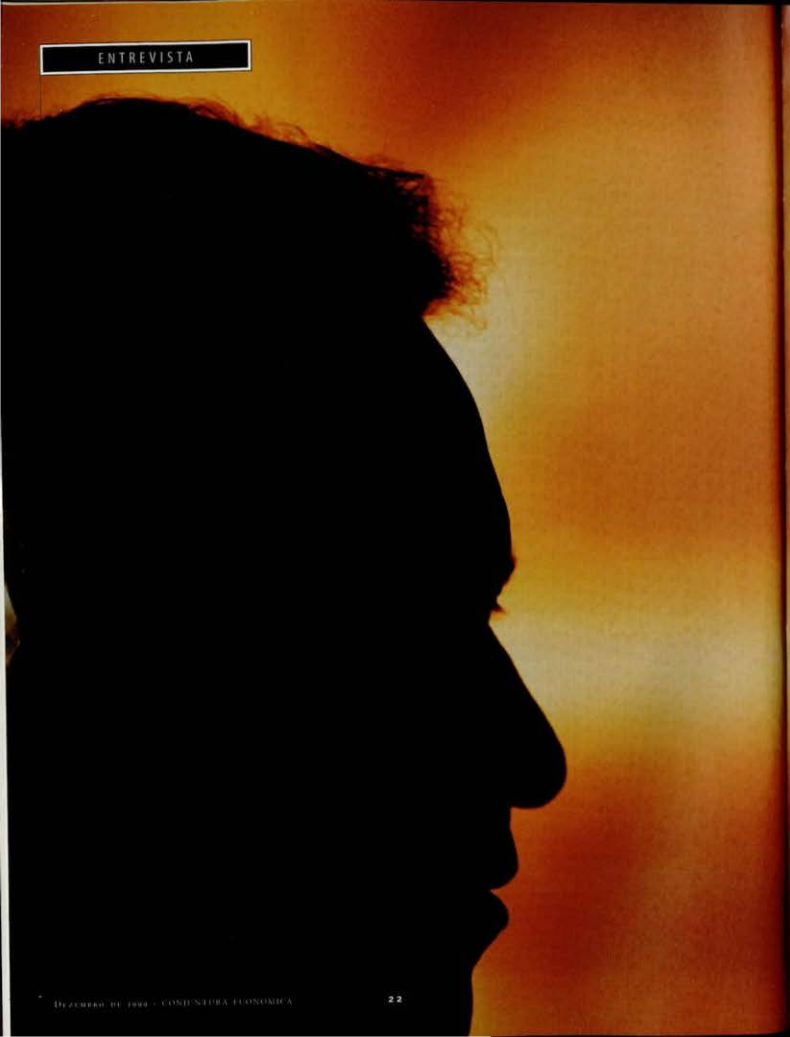


Reflexões sobre o Brasil

Fotos: Ricardo Stuckert

O Brasil deve crescer a partir do ano 2000. A balança comercial começará a se recuperar e os pagamentos externos da dívida caem à metade (cerca de U$ 20 bilhões, contra U$ 40 bilhões deste ano), o que vai diminuir a pressão sobre o câmbio e permitir uma queda maior da taxa de juros. As previsões são do presidente Fernando Henrique Cardoso que, nesta entrevista exclusiva e descontraída à Conjuntura Econômica , revelou aspectos curiosos dos bastidores do poder e as dificuldades para superar a crise do início do ano, quando houve uma corrida aos bancos.

O presidente analisa os problemas decorrentes da desvalorização cambial e a luta contra a especulação. Ele também critica a "indústria eleitoreira" que impediu a votação pelo Congresso de projetos importantes, defende o Proer e revela que o balanço da Caixa Econômica deixou de ser publicado durante três anos porque a Caixa estava quebrada.

O ano termina com indicadores positivos, em contraste com a expectativa no início do ano. As pessoas diziam: o PIB vai cair quatro por cento em 99. Houve a desvalorização cambial e afirmava-se que a inflação ficaria fora de controle. Durante o ano constatamos que muitas dessas previsões sombrias não aconteceram. E o ano termina muito melhor do que se imaginava. Presidente, qual a sua expectativa para o ano 2000?

Primeiro deixa eu dizer como eu vi este ano. Evidentemente a crise de janeiro, não apenas quando houve a desvalorização, mas em seguida quando houve a corrida aos bancos no final de janeiro, a perspectiva era muito negativa e nós tivemos que fazer muito esforço para evitar que houvesse uma perda do controle da situação. Não se esqueça que a crise ocorreu quando o presidente do Banco Central (Francisco Lopes) tinha ficado poucos dias, e o novo presidente do Banco Central (Armínio Fraga) não podia assumir porque o Senado tinha que aprovar o nome dele. Isso durou o mês de fevereiro inteiro.

> "Fui recebido lá fora com grandes homenagens. O Brasil não percebeu isso"

Uns 30 dias...

Sem presidente efetivo... e o Malan fazendo um esforço grande também com o Armínio, de renegociar com o Fundo Monetário Internacional, porque tudo o que nós imaginávamos em outubro não aconteceu... Então foi uma época muito difícil em que eu tive que me envolver diretamente no manejo disso tudo, inclusive nas negociações. As previsões eram essas, catastróficas. Eu nunca fui muito pessimista... tão pessimista eu nunca fui, até porque quando o presidente fica pessimista imagina a população, mas você não pode ser irrealista, tem que estar acompanhando. Quando veio o mês de março, as coisas começaram a desanuviar. Eu me lembro que tive uma conversa, pelo telefone, não lembro exatamente em que momento com o **Deputy Director** do Fundo, Stanley Fischer. Na época do real ele veio aqui algumas vezes, era professor do MIT e ajudou, deu palpites sobre o real. Antes de lançar, ainda quando se chamava o Plano FHC, eu conversei com ele algumas vezes. Eu gosto muito do Stanley. Ele me telefonou, ou eu a ele, não me lembro, e ele disse: "os números que eu estou recebendo aqui são verdadeiros?" Eu disse: são o que eu tenho, são os que eu diponho. E então, a inflação não vai disparar? Durante este tempo nós tivemos algumas conversas. Não só com ele, enfim outros personagens. O *Camdessus*. Nem sempre amenas. As idéias eram muito desencontradas. Isto a história um dia registrará. Aí ele me telefonou, eu estava no Planalto e ele disse: **"Mister president, I want to say only one word to you: congratulations"**. Isto foi em abril. Em abril eu fui aos Estados Unidos, a Washington e a Nova York e lá fui recebido com grandes homenagens como quem venceu pela segunda vez a inflação. Foi todo mundo... o Clinton... todo mundo. Lá em Nova York teve uma enorme cerimônia, com jantar, discurso. O Brasil não percebeu isso. O mundo inteiro percebeu e aqui o pessoal continuava na dúvida. Eu devo dizer que o Congresso Nacional na época da crise ajudou porque levou um susto enorme, se sentiu responsável por ter recusado, em dezembro, a lei sobre a questão da idade para a aposentadoria. Então o Congresso foi muito solidário naquele momento. Mas de abril em diante não. Em abril começou a discussão. Resolveram fazer aquela CPI do sistema financeiro, não conseguiram apurar nada que fosse irregular, o pobre do Chico Lopes foi queimado em praça pública, destruído, de maneira impiedosa e injusta. Vários funcionários do Banco Central da maior competência e dedicação foram tratados lá como se fossem réus. Ainda bem que umas moças, umas senhoras, foram duras e reagiram bem.... sempre essa teoria conspiratória, do "fizeram alguma coisa", "ajudaram um banco", "fizeram não sei quê lá".Ninguém vê que há processos objetivos.

O raciocínio é que se a gente não sabe é pior ainda...

É pior ainda..."Não é possível que o Chico Lopes não tenha conversado com o Presidente da República, que não tenha almoçado com o presidente, que o Malan não tenha estado na sala ao lado". Conversou nada. E na verdade nós estávamos pensando em 50 bilhões e não em 50 milhões. Então era muito mais grave. O fato é que no primeiro semestre, depois de abril, quando nós já tínhamos conseguido segurar certas questões importantes, a coisa, politicamente, piorou. Isso manteve esse pessimismo. Eu mudei o governo em julho. O primeiro governo foi montado na crise e eu sabia que precisava ter o apoio do Congresso para certas medidas. O segundo já foi montado com vistas a médio e longo prazos. Mesmo assim as pessoas custaram a registrar que havia horizonte e isso na verdade só ocorreu agora.

Seria o momento, naquela hora, de aprovar de qualquer forma as reformas?

Eles não tinham condição. O Congresso ficou muito desorganizado... Candidaturas lançadas ou auto-lançadas pela mídia ou sei lá por quem. Parecia até que estava no fim de governo, sem que percebessem que nós tínhamos feito uma luta muito dura e que tínhamos ganho a batalha. Houve momentos piores e melhores, mas os dados de inflação nunca foram ruins, o que é surpreendente. No começo a população resistiu às especulações, o pessoal queria ligar tudo ao dólar, reindexar os salários, todas as várias hipóteses foram usadas e abusadas e a realidade foi mais forte que isso. Houve apenas um processo que não ocorreu, que foi a expectativa da balança comercial fechar positiva. Todos aqueles que eram críticos da política anterior, por exemplo, o Delfim, o Celso Pastore, para não falar dos próprios ministros que eram contrários, esperavam uma reação mais rápida. Eu falei algumas vezes com o Delfim,

com o Pastore...com os ministros...enfim, com várias pessoas... com todo mundo eu falei. Acompanhei conversando. Esperavam uma mudança mais rápida, inclusive diziam que era preciso criar linhas de crédito do Banco do Brasil — e nós criamos — que havia o bloqueio ainda das contas do financiamento externo.

As linhas de crédito externo, por esse pessimismo, se retrairam.
Custou mais a deslanchar o processo até agora. De fato o único indicador negativo de expectativa foi o das contas externas.

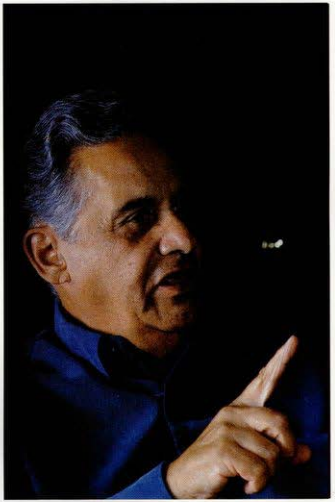
Talvez por uma expectativa exagerada, as pessoas esperavam demais...
Eu tinha recebido do Olavo Setúbal no ano passado uma análise que mostrava o que acontecia com a desvalorização e a tese dele era a seguinte: a exportação não reage ao câmbio.

O que não é verdade.
Ela reage. Não reage de imediato.

Por coincidência, presidente, na edição de novembro de Conjuntura Econômica nós mostramos isso. Além disso, as pessoas não se deram conta de que os preços dos produtos de exportação caíram.
Caíram. Caíram as **commodities**... Foram duas coisas: Os preços das **commodities** caíram, salvo a que nós importamos, que é o petróleo, e por outro lado os produtos manufaturados nossos vão para países que entraram em crise, esse é o problema. Não tem outro. Na medida em que isso for se acertando, vai acontecer o efeito positivo, que já está acontecendo.

Já está acontecendo...
Você vê que o quantitativo já aumentou, quando se compara mês a mês, o que não teve ainda foi a expressão sobre os preços. Então é provável que no ano que vem tenhamos esta última expectativa alcançada e essa é importante porque ela diminui a aposta quanto ao câmbio. Você vê que isso é uma aposta, hoje, marginal, porque quando você anuncia, como foi anunciado, que tem dois bilhões de dólares como adicional, que não foram usados. Usamos 50 milhões...

O câmbio caiu de 2,00 para 1,90 , após o anúncio...
E isso com uma mera ameaça. E com uso efetivo de 50 milhões. Para o ano que vem eu acho que a tendência da balança comercial é de recuperação, sendo de recuperação você provavelmente terá menos especulação sobre isso. Mas tem outro dado objetivo. Nossos compromissos externos no ano que vem são a metade do que tivemos neste ano. Houve um dado que surpreendeu a todos. É a continuidade de investimentos diretos. Nós estamos recebendo cerca de dois bilhões por mês, eu recebo todo dia do Banco Central uma folhinha, eu olho, é interessante ver o tipo de investimento direto, não é que venha um bilhão, 500 milhões, é 20, 30, 50, 200, 10 milhões. Quer dizer, é muito dinheiro que vem assim.



É bom que venha aos poucos porque de repente aparecem 2 bilhões de uma vez...
No outro mês não teríamos nada. É um fluxo contínuo de muita gente investindo, que vem pra ficar. É um investimento direto. Se você olhar o que aconteceu com esse investimento direto você vai ver que nos últimos dois anos nós tivemos por volta disso aí, dois bilhões por mês. Quando eu era ministro da Fazenda era um bilhão por ano. É uma mudança radical.

Poucas pessoas se deram conta do que está acontecendo, do que o Brasil está gastando com o déficit em conta corrente, que inclui juros e remessas também...
É coberto pelos investimentos. Nós não precisamos de refinanciamento este ano quando tínhamos obrigações de mais de 40 bilhões. O ano que vem é de 20 e poucos, então vai sobrar dinheiro. Não vai haver pressão sobre a taxa de câmbio. Não supondo alguma confusão no mundo. O que faltava para a gente ter mais confiança está aí se desenhando dessa maneira. Outra coisa que é interessante: Dizem "Ah, mas esse investimento é todo estrangeiro, estão desnacionalizando". Para raciocinar , pra ficar mais fácil, vamos supor que o investimento seja de 20% do PIB e que esteja em torno de US$ 700 bilhões.

Portanto, do total de US$ 140 bilhões de investimentos, somente 20 e poucos são investimentos estrangeiros diretos.

A maior parte é daqui....

Não é isso? Ou de brasileiros ou de empresas estrangeiras no Brasil gerado aqui. São recursos gerados aqui.

Sim, são lucros retidos aqui.

As pessoas no Brasil não gostam de números e não gostam de comparar números. Ora, sem número e sem comparação entre números você não pode trabalhar, não é? Eu gosto sempre de números e de comparar. Tá bom... 24 bilhões de dólares... mas quanto isso é do investimento nosso?

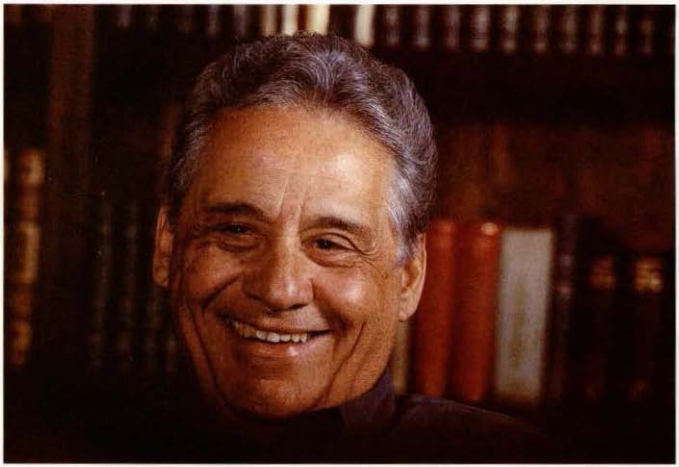
Então olhando para os números, o senhor acha que o balanço de 99, apesar de alguns resultados não muito satisfatórios, tem um saldo positivo?

Eu acho que é razoável. Passar pela crise que nós passamos, contendo a crise, que, na verdade se imaginava que ia desabar o mundo (e os vizinhos viriam juntos). Contê-la aqui, ter a taxa de desemprego estabilizada — está levemente abaixo comparado com o ano passado, não é isso? Você ter conseguido evitar que a inflação galopasse... eu disse, olha aqui, o Brasil está mais para a Inglaterra do que para a Ásia... porque a Inglaterra desvalorizou e não teve esta catástrofe. Diziam: "não, isso são países brancos". E eu: "mas nós somos mulatos (risos) e podemos ser pelo lado mais claro para chegar perto da Inglaterra; nós não somos amarelos". Quer dizer: chegamos mais perto da Inglaterra. Na verdade quando você olha é isso. Talvez a Coréia seja uma exceção. Mas não é por acaso. É porque são economias que estão mais organizadas, e que o Estado foi capaz também de dar conta dos desafios. A Coréia passou por muitas dificuldades, mudou de governo, reestruturou-se, não é? Um fenômeno diferente do nosso. O que aconteceu com a Coréia foi que o país teve um problema sério na parte industrial e o financiamento de tudo isso , de outra natureza. O que aconteceu conosco foi um choque externo mesmo. Aqui nós tivemos a sorte de o sistema financeiro ter sido saneado e isso começou em 95. Em 95 nós levamos um susto enorme porque não sabíamos que os bancos estavam mal, tão comprometidos, tão esburacados. Quando fizemos a intervenção no Banco Nacional foi preciso fazer uma MP para criar condições porque não havia nem os instrumentos legais, como o Proer, que salvou a lavoura. Apanhamos pra burro, todo mundo criticando o Proer. O Proer foi um instrumento extraordinário.

> "No Proer nós fizemos uma coisa dura: tomamos os bens dos acionistas e não só dos gestores"

E evitou a quebra do sistema financeiro e do país junto. O investimento era de quanto?

Ah, muito pouco, talvez 20 bilhões e recuperável. Não se jogou dinheiro fora. E nós ainda fizemos uma coisa dura, porque fizemos tomando bens dos acionistas, não só dos gestores. Isso foi para mim importante porque uma das acionistas é minha nora. Foi preciso tomar uma ação difícil, mais dura, mas tinha que se fazer uma coisa correta para não ter acusações de outro tipo. Então nós fizemos isso e essa coisa dos bancos eu me recordo que o Malan trouxe para falar comigo um senhor de Nova Iorque que era, ou foi do FED, e que é um grande consultor de questões financeiras. Ele disse: "Senhor ministro, olha, o senhor gaste o que for necessário no sistema financeiro, vai gastar mais do que o senhor está pensando mas é essencial fazer isso". E o sistema financeiro é sempre assim. Eu também fiquei muito impressionado quando estive com o Calderas na Venezuela. Só um banco que eles tentaram salvar e não conseguiram e que foi à bancarrota deu uma quebra no PIB de não sei quanto, mas uma barbaridade. Eu sempre apoiei todas essas medidas para sanear o sistema financeiro. Isso foi um trabalho do Banco Central, não é do Armínio, foi dos outros diretores, o Loyola, o Gustavo e o Malan. Isso é um trabalho anônimo, difícil e politicamente complicado. No caso do Banco Nacional devo dizer que a família Magalhães Pinto não me pressionou para nada. Teve outro banco que era de um Ministro meu, o Bamerindus. Banco é sempre complicado, mas nós fizemos. Não tivemos complacência ao resolver essas questões. Fizemos com o Banco do Brasil, tinha que dar um aporte grande no Banco do Brasil. Da mesma forma, o começo da reestruturação da Caixa foi muito penoso, e se deve ao Cutolo. O Congresso reagiu muito porque o Cutolo mudou a estrutura da Caixa, fez escritórios de negócios, retirando superintendências, profissionalizou. Tudo isso tinha penetrações políticas. Eu disse uma vez, quando era Ministro da Fazenda e o Itamar brigou comigo: "olha Itamar, durante três anos nós não publicamos o balanço da Caixa porque a Caixa estava quebrada." Ele disse: "mas eu falei com não sei quem, o que era presidente, hoje é deputado, ele me disse que não era assim". E eu falei: "pois é, mas quem era o ministro da Fazenda? Não era eu? Estava quebrada". A Caixa não podia publicar balanço. Para que pudesse a Caixa voltar a funcionar foi preciso começar a negociação da dívida dos estados. Quer dizer, a reconstrução de uma economia é muito lenta, muito longa, muito difícil e esse foi um trabalho feito por Clóvis Carvalho, da Casa Civil. Ainda quando eu estava no Ministério da Fazenda — ele era secretário executivo —, o Clóvis começou a acertar a questão dos estados. Depois isso continuou com Pedro Parente, Malan, mas nós começamos com ele. Por quê? Porque se os estados não pagassem, a Caixa não tinha como sair, quebraria, porque os empréstimos, o grosso, os maiores créditos são estados, municípios, então nós tivemos de reconstruir a credibilidade. O negócio é você ter um contrato e ter que fazer honra a ele e isso continua até agora. A luta dos governadores até agora vai continuar por algum tempo. Vão sempre querer



renegociar a dívida, não todos, vão sempre querer evitar essas medidas duras que têm que tomar para honrar os compromissos, vão sempre ter a tentação de fazer investimentos, quem não? Na sua carreira política, às vezes até é a biografia. Então é um processo penoso, politicamente duro, mas nós renegociamos pachorrentamente e a Caixa voltou a ter condições de emprestar. Ela tinha parado de funcionar como instituição que emprestava para saneamento e habitação. Em saneamento até hoje nós temos problemas: não podemos emprestar porque as prefeituras estão endividadas, estão no CADIN. Então você tem o dinheiro, é do FAT, do FGTS e não pode emprestar porque se emprestar vai ferir a lei. Se ficar flexível nisso, arrebenta o Brasil, as pessoas deixam de pagar o contrato.

E o primeiro que deixar de pagar...

Ninguém mais paga. Mas enfim, essa coisa foi sendo reconstituída a credibilidade da noção da finança pública e a responsabilidade do gestor frente ao futuro, não só frente ao compromisso do dia-a-dia. Quando chegou a crise agora, o sistema financeiro estava bem, ele pôde agüentar a crise, senão teria capotado também. Bom, no meio disso tudo e em superfície, está o problema fiscal, não é? As pessoas custaram a entender a dramaticidade da situação fiscal. Durante algum tempo a discussão, se vocês lembrarem, era entre os que diziam que toda a situação difícil derivava do câmbio e que as taxas de juros altas eram para defender o câmbio. E outros diziam, não tem que mexer na questão fiscal. Agora está claro: o câmbio é flutuante, está sob controle, mas você tem que mexer na questão fiscal. Evidentemente, o câmbio flutuante tem certas vantagens. Permitiu baixar a taxa de juros. Agora, se flutuasse lá atrás, será que nós teríamos controlado a inflação? Não sei, talvez não. Não se sabe, isso é aposta, né? A surpresa foi outra. Apesar de tudo, houve uma resistência muito grande a transmitir para o preço, para o consumo.

Senhor presidente, há uma divergência muito grande nos principais indicadores de preços. Nos preços ao consumidor a taxa é 7 % no acumulado do ano. Por outro lado, alguns índices, particularmente de preços por atacado, cresceram a uma taxa que é o dobro daquela. O senhor está preocupado?

Eu acho que preocupado a gente deve estar sempre porque a inflação não é brincadeira. Você vê que os americanos e os europeus acabaram de subir a taxa de juros por uma ameaça mínima. Então eu acho que preocupado temos que estar, mas não alarmados. Primeiro porque, efetivamente, com a economia ainda desaquecida é difícil fazer uma transmissão para preço sem que haja uma reação de não compra. Ponto dois é esse problema que já se viu lá atrás. Quando começou o problema disseram "ah, vai passar porque o preço de atacado

subiu mais." O preço de atacado é uma proposta de venda, não se consuma, é de barganha. Por outro lado, sempre que o dólar sobe, especulam. Ora, nós importamos US$ 50 bilhões mais ou menos e produzimos US$ 700 bilhões. Quanto é isso? sete por cento, não é? No máximo, a incidência, se você imaginar que o preço seria a derivada do que sobe disso aí sobre a base, 50 bilhões não é nada, dilui, é pouca coisa para o país. Só serve para especular. Obviamente, alguns preços são afetados diretamente: petróleo afeta a gasolina e como você não tem indexação nem de salário nem dos preços, não existe mais a corrente de transmissão imediata. E o Governo dispõe de recursos para manejar isso.

Há uma expectativa do mercado, hoje, de que a economia cresça ano que vem em torno de 4%...

É verdade.

Mas é um número... isso não quer dizer nada... é um indicativo... quer dizer que...

Vai crescer...

É, vai crescer muito em relação ao zero, zero e pouquinho, zero vírgula um, zero vírgula dois... É um crescimento grande em dois anos, em relação àquela expectativa de termos 4 negativos... Isso poderia pressionar a inflação de um lado... o sr. não está alarmado, mas está atento, não é? Com relação a isso... o Banco Central, também, evidentemente.... mas hoje o câmbio não é mais a âncora da economia.

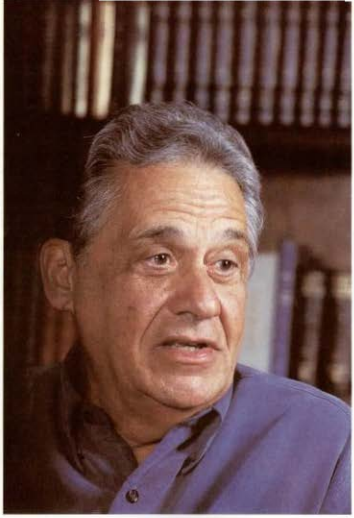
Não...

Hoje, com o câmbio flutuante, o instrumento de controle passou a ser a taxa de juros. Se a demanda crescer muito, a retomada pode ser abortada por uma elevação das taxas de juros?

É por isso que eu acho que tem que haver política. Política econômica é pilotagem, é navegação, não é? Não é ciência, é arte, tem que ver o que se faz a cada momento e pode-se errar. Pode bater numa rocha, de repente, numa pedra. Nós já batemos em alguns momentos (risos). Então nós temos que ficar muito atentos para ver o que acontece. Mas aí tem o seguinte contra-argumento: por um lado a grande produtividade, que é notável. Eu estava vendo outro dia, a França teve um ganho de produtividade brutal. Quer dizer, nós estamos entrando num ciclo novo, de processos tecnológicos de invenção que tem efeitos que não se sabe controlar ainda... mas são enormes os ganhos de produtividade. A tese do Gustavo Franco sempre foi essa. Você pode dizer, exagerou na tese, mas ela é verdadeira. Há ganhos de produtividade no mundo inteiro. Segundo, você tem capacidade ociosa, não é? Os indicadores mostram. Quanto é que você tem aí?

A expectativa dos empresários é ter 82% de utilização de capacidade...

Neste semestre...



Neste trimestre...

Bom, ainda sobram 24...

Sobra muito...

Sobra muito. E você tem todo esse processo de investimento... então dá para fazer uma aposta otimista. Há condições para que se pilote. Vamos ter um problema que você sabe: a capacidade de compra da população foi diminuída, é natural que a população, segmentos, pressionem por recomposição de salários. Alguma recomposição é saudável. Eu acho que neste aspecto o setor trabalhista brasileiro avançou muito...

É, presidente, a reivindicação hoje é sensata...

Ela é mesurada. A gente tem 5,5%... 7%... Isso comparado com o que se pedia no passado... Então houve um amadurecimento das centrais sindicais, dos negociadores diretos, mas também dos técnicos que lá estão. Neste aspecto nós estamos nos modernizando muito.Todo mundo tem medo de perder o emprego, todo mundo tem medo de inflação. E todo mundo deve saber também que alguma recomposição de salário vai ter que haver. A maior dificuldade vai ser no setor público. No setor público eu não tenho margem de manobra. No setor privado há margem de manobra para a recomposição do poder de compra da população. Se houver um estouro de pressão reivindicativa isso também poderia pôr em risco o equilíbrio. Mas eu estou já favoravelmente surpreso. Setembro, outubro

e novembro são os meses de negociação. Sem greve.... Não é isso? Sem greve. Tem uma ameaça no setor do petróleo, mas sem greve, não é isso?

Medo do desemprego?

Medo do desemprego e também racionalidade crescente. Na medida em que está havendo maior abertura nas empresas à liderança sindical, com representação sindical, é melhor, isso dá responsabilidade.

Uma certa co-gestão...

Uma certa co-gestão. Eu acho isso uma coisa importante. Outro dia eu recebi aqui um grupo da Força Sindical. Entre eles estava o Araújo, que é o representante do setor de alimentação, muito ligado ao pessoal da cana. Ele conversou comigo e queria cobrar o aumento da quantidade de álcool adicional da gasolina de 24 a 26 %. Dez dias depois eu o vi lá discutindo com o Mário Covas numa reunião, preocupado com o fato de que os produtores de cana estão forçando a subida do preço do álcool.

Preocupado...

Preocupado. Bom sinal. Racionalidade. Quer dizer, se estão forçando, eles devem estar pensando: não dá pra passar de 24 a 26 % porque essa gente vai forçar mais ainda e aí como é que fica o emprego da gente.? Quer dizer, aumentou o grau de consciência por parte da liderança sindical , né? E há uma certa autonomia do sindicato frente aos partidos. Mesmo a CUT, que é bastante ligada ao PT e você vê bandeirinha da CUT toda vez que o PT está me atacando. Mas isso é bandeira da CUT. O dirigente da CUT, na hora de sentar na mesa para discutir, é claro que ele vai votar no PT, mas ele entra nesse mesmo nível de racionalidade que não assimila a irracionalidade política, que vai querer enfrentamento... Então eu acho que isso também ajuda nessa nova fase do Brasil. Eu não acho que nós estejamos com um risco muito grande de descontrole em função dessa defasagem entre preço de atacado e preço de varejo. Há sempre problemas... Eu me preocupo com a estiagem prolongada agora porque o milho perde, a soja não, mas o milho se você não plantar em certa época perde-se a colheita. É claro que o ministro da Agricultura está atento a isso e eu cobro tanto do ministro da Agricultura quanto do pessoal da Fazenda, que sabe menos dessas coisas de economia agrícola. "Olha, tem que soltar o dinheiro já, ou tem que soltar a importação". Nós vamos importar milho já pra evitar que suba o preço do milho daqui a pouco e afete o frango, afete não sei o que... Tem que estar olhando isso aí, não é? Essa coisa de agricultura depende muito do clima, não é? No ano passado nós fomos beneficiados por muita chuva, foi ótimo o ano passado. Este ano aqui está chovendo agora. Nesta região isso não é grave porque aqui é basicamente soja e gado. Daqui ao Mato Grosso. Mas no sul e mais complicado. A seca no Nordeste é imensa. Na Paraíba o problema é humano.

Tem esses fatores, mas são sazonais...

São ciclos que dependem de um bom entendimento do Ministério da Agricultura com o Ministério da Indústria e Comércio e com o Ministério da Fazenda. Nós nesse momento temos um problema, com relação a questão de preços. É que os estoques estão baixos. O café vai subir de preço no mundo. Uma saca de café tá valendo 200.

"No momento temos um problema com relação aos preços. Os estoques estão baixos"

Duzentos reais...

Duzentos reais, cem dólares. Café a cem dólares está bom para o cafeicultor. Se subir mais vai ser ótimo para o agricultor e não sei se tão bom assim para o controle de preços, né? O café não sei quanto pesa.. isso tudo depende de uma pilotagem, não é? Tem que estar o tempo todo pilotando. Agora, nós vamos ter algumas vantagens daqui a algum tempo. Eu recebi uma fotografia desse satélite que nós temos com a China. Nós temos com a China quatro satélites, é muito interessante. Um já está no espaço e estamos fazendo mais três. Este satélite que nós lançamos lá com a China dá ao Brasil e à China a previsão da safra, os efeitos de uma geada, de uma seca não só no Brasil mas também nos países produtores, basicamente nos Estados Unidos. Então você pode ter previsão.

Para nós vai ser excelente...

Se houver uma boa articulação do pessoal que cuida disso aqui, do INPE, e o Ministério da Agricultura, vai ser bom. Você tem um satélite brasileiro que permite ver os efeitos da estiagem...

O maior conflito comercial dos Estados Unidos é com o Canadá porque são vizinhos e tem mais comércio. A integração com a comunidade internacional, o comércio multilateral, o senhor vê alguma ordem nesse processo? Há alguma prioridade?

Conflitos existem. O seu exemplo é bom. O Canadá com os Estados Unidos, a Inglaterra com a França, por causa do boi, estão brigando. Então, o fato de você ter problemas com a Argentina por causa do calçado, por causa do aço, é normal. Eu recebi aqui o presidente Fernando de la Rúa e eu disse isso a ele: "nosso problema é o seguinte: o Mercosul é uma operação vantajosa reciprocamente, né? Brasil e Argentina e os outros parceiros. E tem um impacto político porque nos permite ter mais cacife para a Alca na rodada do milênio, na medida em que tivermos uma opinião homogênea sobre certos itens importantes. O Mercosul é inicialmente uma construção política que não pode se deixar perder pelo choque dos interesses econômicos típicos. E nós não devemos fazer com que os governos embarquem nos conflitos econômicos típicos. Claro que eu acho que nós vamos precisar de maior institucionalização relativa do Mercosul porque senão corremos o risco de ter o choque político. Conflitos foram resolvidos nestes últimos anos na relação direta presidente a presidente, so-

bretudo o presidente da Argentina e do Brasil, às vezes do Uruguai também. O Uruguai tem sido um poder moderador bom. Bem, tivemos um sério conflito por causa da indústria automotiva lá no começo do primeiro mandato que foi resolvido mano a mano por mim e pelo Menem lá em São Paulo. Tivemos agora outro. O Menem também tem uma visão boa. Veio aqui desfez aqueles atropelos que foram feitos na Argentina, mas tem que ter limites.

Então nós vamos ter que dar mais força às comissões de resolução de controvérsias. Eu não sou favorável a tribunalizar não, já tem muita coisa tribunalizada no mundo, mas tem que dar mais força às comissões e manter esta visão estratégica do Mercosul para que possamos avançar mais no futuro, na Alca, e também desde logo na rodada do milênio, que vai ser muito difícil porque nós queremos acesso ao mercado de commodities, sobretudo na Europa, e o que eles querem é o mercado de serviços aqui, não é isso? Então haverá sempre uma questão difícil e eu não sei até que ponto haverá facilidade de algum avanço.

> "Nós, com atraso, fizemos uma revolução na área de telecomunicações"

E a Comunidade Européia?

Os países que mais investem no Brasil hoje serão os maiores adversários na negociação comercial. Uma vez, conversando com Chirac aqui, que propôs esse encontro que acabou se realizando no Rio, eu disse que a solução disso é uma só: "o agribusiness francês tem que investir no Brasil." Resolve parte dos problemas. Quando o agribusiness dos franceses investir aqui nós vamos resolver isso de maneira inteligente porque senão é um jogo de um que ganha e outro que perde. Nós temos que fazer um jogo em que todos possam ganhar. Eu acho que há mecanismos. Leva tempo, esse é um processo que não é rápido. A globalização, que está aí para ficar por algum tempo, não é fruto de uma política. É fruto de uma mudança que eu diria civilizatória porque a noção de tempo e espaço mudou com a telemática, não apenas com a revolução dos transportes, mas também com as telecomunicações. Há acesso imediato a tudo... Então a influência é recíproca, queiramos ou não, vai ser assim, não é? Mas isso acelerou também uma nova divisão internacional de trabalho. Ao contrário do que os críticos daqui do Brasil imaginavam o nosso setor industrial não se sucateou. Levaram anos dizendo essa bobagem e houve o oposto. Houve um grande salto de qualidade.

Um aumento de produtividade ...

Aumento de produtividade, base tecnológica mais ampla, desenvolvimento de tecnologia, seja da Petrobras em águas profundas, seja na fabricação de aviões. Houve também a Internet e nós agora estamos entrando na Internet 2. Isso é importante porque a velocidade da informação vai ser muito mais rápida. Com atraso, fizemos nossa transformação na área de Comunicações, na telefonia, na telefonia celular. Avançamos bastante e nos qualificamos para entrar no próximo século, portanto no ano 2000, numa posição estrategicamente favorável diante dos desafios da globalização. A globalização concentra. Ao mesmo tempo em que dispersa a informação, concentra riqueza e base produtiva.

Talvez numa primeira etapa...

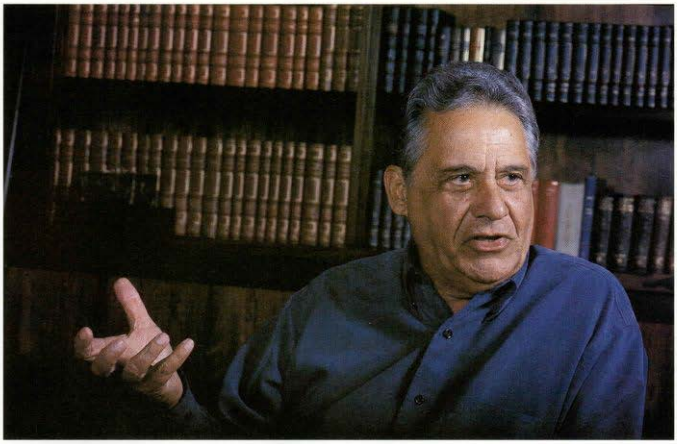
Numa primeira etapa, sabe Deus depois... porque ela aumenta tanto a capacidade produtiva, tanto o setor financeiro, que sobram recursos. De repente ajuda, quem sabe, a história não é fechada. Com tudo isso o Brasil, se você olhar o mundo estrategicamente, não se perder sobretudo com a futrica do dia a dia, vai ver que não houve sucateamento nenhum. Houve a continuidade de investimentos tecnológicos, a incorporação dos serviços nessa fase mais moderna. Talvez só a Índia e a China tenham as mesmas condições que tem o Brasil de rearranjo do mundo, tenham uma posição positiva.

No nosso caso estamos numa posição melhor...porque tanto a China quanto a Índia têm problemas políticos internos graves.

Nós não temos. Nós somos ocidentais. Tem uma vantagem nesse ângulo. Então, o que acontece... O México tomou uma decisão correta do ponto de vista dos interesses do México, mas economicamente está ligado aos Estados Unidos. Na medida em que os Estados Unidos forem pra frente, o México vai também, mas do México para lá é o Brasil que tem condições efetivas dessa organização sub-regional. E eu sempre, desde que fui ministro do Exterior, tenho tido isso, nós temos que integrar, não basta o Mercosul, é a América do Sul. Nós temos que estar abertos à Ásia, aos Estados Unidos. Mas nós temos que estar abertos à Ásia porque a Ásia tem a China, a Índia, o Japão e tem os Tigres. Eu visitei esses países como presidente. E com a China nós temos um relacionamento positivo, o Japão também tem feito investimentos aqui. A Índia nós não conseguimos nunca amarrar. Tentamos a Malásia, até tínhamos lá uns negócios de hidroelétricas, mas a Malásia entrou num período difícil. Mas com os grandes países nos temos uma relação boa, com Japão e China. E temos que olhar a Europa e América do Sul que é o nosso entorno efetivo. Bem, eu acho que a nossa base produtiva vai permitir uma integração positiva neste sentido. Do ponto de vista manufatureiro, na América do Sul vamos continuar com os Estados Unidos. Na África, o que interessa mais diretamente é o sul da África. É mais relevante porque a franja lá de cima é muito ligada à Europa, mais difícil para nós. Acho que essa visão estratégica tem que ser sempre mantida e que nessa nova divisão internacional de trabalho, o Brasil tem lugar positivo porque tem essa base tecnológica, base de investimentos e precisa desse espaço. Isso não é em detrimento dos outros.

E a integração energética?

Só agora o país entendeu a importância do gás. Eu lutei muito por isso aqui, muito. Isso se deve a um esforço desde que eu



era ministro do Exterior. Não vou entrar em detalhes, mas foi complicado. A Petrobras não era favorável, houve resistência do governo Itamar. Fortíssima até a última hora. Foi na base do empenho direto que finalmente se conseguiu o negócio do gás. Assim como eu fiz com muito empenho a ligação energética com a Venezuela. Da mesma forma, eu queria fazer a rodovia 173. Quanto à energia, como no sul com a Argentina, fizemos acordos. Agora estamos fazendo em Uruguaiana uma termoelétrica e entrocamentos de linhas de energia elétrica. Eu acho que foi uma decisão estratégica. Por trás disso está o Eliezer Batista, foi ele quem me influenciou quando ainda era ministro do Exterior. Nós temos que ter eixos de desenvolvimento e a integração física da América do Sul passa pela integração energética, a integração econômica também passa pela integração energética e nós tínhamos aquela visão autárquica. Isso acabou.

No caso de energia elétrica isso cria uma integração de fato física.

Eu pensei muito também no gás de Canicéia, no Peru, mas agora nós descobrimos muitas reservas no Brasil . As reservas no Norte são muito grandes e com a capacidade de transmissão ficou muito mais barato. Eu sempre achei que tinha que ter com nossos vizinhos um grande projeto integrador. Na Venezuela já está feito: é a energia, estrada e mais tarde petróleo com a Petrobras. Com a Colômbia estamos até hoje lutando e talvez avançando na questão de carvão e siderúrgica, vamos mandar minério pra lá, temos missões indo lá. Com a Bolívia está resolvido. Com o Paraguai está resolvido. Com a Argentina também, com petróleo e energia. Com o Peru é que nós não conseguimos ainda.

Presidente, estamos chegando ao ano 2000, em que é possível atingir metas de 4% de crescimento. Há necessidade de aprovação das reformas, o que o senhor espera que aconteça?

Agora você tocou no nervo da questão. Há muitas reformas importantes, mas do ponto de vista do desenvolvimento a questão fiscal é a que preocupa mais. O que está acontecendo com a questão fiscal? Hoje nós temos com muito esforço um superávit grande, incluindo a Previdência. Quando você fala e vê isoladamente, o déficit é da Previdência, e agora nós até estamos expondo as contas separadas para mostrar claro ao Congresso que de onde vem o déficit é da Previdência. Tem dois fatores: juros e Previdência, que são ligados, sem dúvida. A taxa de juros depende um pouco da crença ou não da solvabilidade do governo, do estado e essa pode estar a perigo pelo déficit da Previdência. Nós avançamos nisso daí. A questão do INSS foi aprovada, foi um ato chave. Se você calcular que a Previdência tem um déficit este ano de 10 bilhões, na verdade nove bilhões vão para o Funrural e o Funrural não é Previdência, é renda mínima. Temos um milhão e meio de pessoas entre idosos e deficientes físicos, tem um programa específico de renda mínima no Ministério da Educação que foi originado no Sena-

do com Suplicy e está começando a funcionar com as prefeituras. Se somar tudo, dá quase R$ 20 bilhões de transferência direta, nunca ninguém viu isso. Na previdência pública o problema é mais grave. Se o Congresso aprovar esta medida que está aí alivia mas não resolve. Precisaria ter alguma coisa semelhante ao fator previdenciário porque o xis da questão é com a aposentadoria média aos 50 anos, não dá pra nenhum sistema se manter, não é isso?

Com a expectativa de vida maior...

Não dá. E como o Congresso rejeitou várias vezes a idade mínima, é difícil eu insistir, mas daqui a pouco alguém vai ter que insistir porque a questão no setor público é da idade. No setor privado os dados estão aí , o grosso se aposenta com cerca de 60 anos e com, no máximo, dois salários. E quem se aposenta com 50 anos e com o salário integral na média você viu aí que é altíssima..

Muito alta é mais de mil reais..

Altíssima, no setor público é quase dois mil, no Legislativo é cinco ou seis mil e vice-versa com o setor Judiciário, e com a média de idade de 50 anos. Aí não dá. Se você conseguir fazer com que esses outros trabalhem até os 60, nos Estados Unidos já estão discutindo passar de 65 para 67.

> "Dos R$ 10 bilhões de rombo da Previdência, R$ 9 bilhões vão para o Funrural que não é Previdência, é renda mínima"

É, mas a crítica enfoca a questão da expectativa de vida no país, que é completamente diferente.

É diferente, mas cresceu muito. A expectativa de vida no Brasil deve ser hoje de 67 anos por aí ao nascer, mas não de quem tem 50. Quem chega aos 50 chega em média aos 75 ou mais. Então é um peso muito grande. Esta questão vai ter que ser enfrentada. Eu não quero dizer que nos próximos três anos isso tenha um peso que não seja manejável, sobretudo se o Congresso aprovar esta medida que está aí porque nós já resolvemos a questão em geral, o problema é dos que estão funcionários hoje porque os novos vão entrar no regime novo. Nós resolvemos o problema lá pra frente. O problema é a transição, mas agora nós estamos ganhando algum tempo na transição. É preciso entender o déficit de uma maneira mais objetiva. O déficit no setor público federal é de mais ou menos R$19 bilhões, você coleta três e paga 22. Se somar isso com o dos estados vai pra R$ 30 bilhões, R$ 35 bilhões, se puser juros em cima disso vai para R$ 50 bilhões.

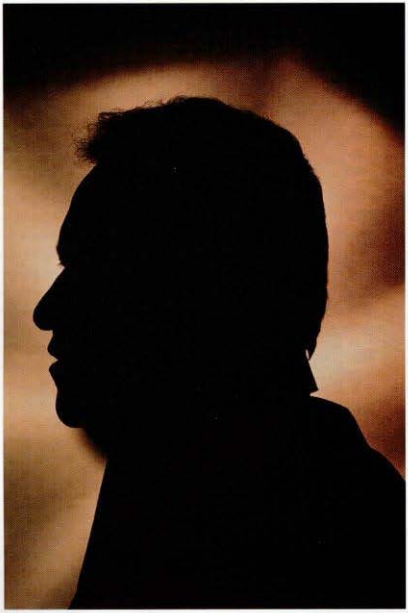
Quanto à perspectiva de crescimento, grande parte da crítica ao seu governo está na área social porque mal ou bem a questão econômica, apesar das crises, tem sido bem administrada. Como é que o sr pretende responder a essa crítica?

Primeiro é o seguinte: a crítica da questão social é ideológica. Houve um avanço enorme e eu vou dar os números. Na educação, você tem pelos últimos dados que 97,5 % das crianças em idade escolar estão na escola. Estamos nos aproximando dos índices americanos. Isso é muito difícil, mas cresceu . Em 90 era 89 %. Na educação secundária, nesses últimos anos do meu governo, nós aumentamos 40 % o volume de estudantes em escolas públicas de ensino secundário que se comparam com 28% dos 14 anos anteriores. De 1980 a 1994 houve um aumento de 28 %. De 95 até agora foi de 40 %. O que faz com que nós tenhamos de aumentar, na previsão do Avança Brasil, neste ano e nos próximos três, dez milhões de vagas, de matrículas. No ensino secundário é inequívoco. Se você olhar pelo lado contrário, que é o número de analfabetos, vai ver que na faixa relevante, que são pessoas de até 16 anos, vai ter menos de 5% de analfabetos. Para os outros o futuro está aberto, a média deve ser ainda grande, deve ser uns 12 %. E a escolaridade média do trabalhador cresceu. Fizeram uma pesquisa em São Paulo e ela cresceu consideravelmente. Então a educação primária, que todo mundo sempre falou que é a base do Brasil,taí. Nós fizemos uma revolução no Fundef, que é o modo de distribuir recursos para estados e municípios e a União entrou também para melhorar a educação primária. Aumentamos em 50 % os salários de professores em zonas atrasadas do Brasil. Eu pensei que fosse só no Nordeste, mas outro dia o Amim disse que em Santa Catarina tinha professor que ganhava R$25,00. Nós aumentamos fortemente isso. Na universidade foi muito menor o ritmo e são os que falam... Passa para a saúde, a taxa de mortalidade infantil caiu consideravelmente. Os últimos dados que eu vi apontavam 36 mortes por mil nascidos. Isso se compara com 44 no início do governo. Na área que é acompanhada pela Pastoral da Criança e da Igreja Católica caiu para 16 por mil. Como é que se fez isso? Agentes comunitários de saúde. Nós tínhamos 22 mil agentes e estamos nos aproximando de cem mil. Médicos de família vão ser criados, vinte e poucos mil. Isso produz com o tempo uma revolução na situação de saúde da população. Para baixar mais a taxa de mortalidade infantil nós temos que ter agora um programa forte de saneamento básico. Isso depende de privatização, que a lei seja mudada pra tirar esse rolo que está aí. Esse é o limite. Você pode, com técnicas normais de medicina preventiva, melhorar. Dar o outro salto depende de saneamento. Nós ganhamos um prêmio agora pela assistência à AIDS. Nenhum país do mundo tem uma assistência à AIDS como nós temos aqui e totalmente gratuito. Isso custa R$ 500 milhões, é muito dinheiro. Se olhar as campanhas preventivas, são fortíssimas no Brasil. A dengue sumiu, falou, falou , sumiu a dengue. Há uma tradição de saúde pública e nós demos uma injeção boa, sobretudo na saúde preventiva. Através dos agentes de saúde, das campanhas...

Isso acaba barateando os gastos com a saúde nos hospitais?

Evidente. E introduzimos um programa de saúde da mulher, que nunca houve e também diminuiu muito a mortalidade materna com o parto e programas também de controle do câncer

de colo do útero. O gasto per capita de saúde dobrou no meu governo. Estamos gastando mais ou menos R$ 20 bilhões, em nível federal. A saúde gasta metade do orçamento disponível da União. De 44 bilhões disponíveis, R$ 20 bilhões ficam com a saúde. Nós aumentamos os recursos do SUS, modernizamos o SUS e controlamos a roubalheira. Isso não é do dia para a noite. Mudamos o Fundef. A destinação dos recursos antes reproduzia a desigualdade porque a distribuição dos recursos para a saúde era feita com os dados do ano anterior, agora é per capita. Então os municípios mais populosos recebem mais, para dar um atendimento melhor. Enfim, nunca houve isso na área da saúde. Na reforma agrária fizemos mais que qualquer outro na história do Brasil. Gastamos de 95 até hoje R$ 9 bilhões com a reforma agrária. Eu desapropriei talvez metade do México, eu desapropriei todo dia, acho até que demais. Agora estamos introduzindo o banco da terra, que é pra comprar mais barato. Isso é social. Criamos o Pronaf, que não havia, e está gastando este ano R$ 3,4 bilhões na agricultura familiar, atingindo milhões de pessoas. Isso não havia, era zero. Onde é que está o social? Qual é o social para o qual eu não olho? E acabou aquela coisa de corrupção na distribuição de recursos, politização também, clientelismo, em todas essa áreas, nós estamos limitando ao máximo a influência clientelista. Dar dinheiro direto ao diretor da escola, na saúde tem conselhos locais para distribuir o dinheiro, são coisas que não aparecem.



Como é que o sr. gostaria de ser lembrado na História?

Eu disse aqui uma vez quando fui eleito que queria botar fim na era Vargas, criar um mercado mais aberto, mais dinâmico, um estado mais poroso, uma sociedade com menos cooptação por parte do estado, partidos e sindicatos, uma coisa mais democrática com maior dinamismo na sociedade e mais mobilidade. Acho que estamos deixando de viver sob o mando do que o Getúlio fez. Bom, eu era getulista, meu pai era deputado do PTB e quando eu digo isso algumas pessoas ficam pensando que eu estou criticando. Mas cada um tem seu momento. Tinha que mudar as instituições pra que elas possam levar a um desenvolvimento e à mobilidade social. Aliás, o Pastore, não o Celso, o José Pastore (autor do artigo da página 58) fez uma pesquisa muito interessante que demonstrou que a mobilidade social continua tão forte quanto no passado. Olha, a mobilidade social no Brasil é enorme. As pessoas vão lá pra cima da pirâmide, caem, sobem, quer dizer, a sociedade é aberta, acho que isso é importante para a consolidação não só da democracia do ponto de vista eleitoral, mas da liberdade, porque você não tem uma sociedade organizada, uma sociedade civil mais ativa se não houver liberdade. Eu acho que nós vivemos um momento de intensa liberdade. Aí eu acho até que tem que ser feita uma certa homenagem ao Sarney porque naquele momento difícil da transmissão, o Sarney entendeu a importância da liberdade, a liberdade de imprensa, a liberdade em geral. Houve um ou outro probleminha aí, depois acalmou... eu acho que isso é uma conquista realmente da democratização e que tem que ser aprofundada apesar dos excessos que isso possa gerar aqui e ali. Mas no longo prazo é fundamental que haja esse sentimento de liberdade. ■

Entrevista a Roberto Fendt e Igor de Freitas